

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assinatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1202	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 de Maio de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

Exposição da Sociedade "Silva Porto"

Veja Cronica Occidental



ESTRADA DAS BALDRUCAS
Quadro de Frederico Aires



FIM DE UMA TARDE DE VERÃO (CARAPINHEIRA DO CAMPO)
Quadro de Leandro Calderon

CRONICA OCCIDENTAL

De todos os adágios, e são muitos, que o povo conserva relativos ao mez de maio, nenhum se refere ás flôres, que neste mez abundam e especialmente as rosas, que nêle desabrocham com sua maior fragancia e puro colorido.

Será porque as flôres não falam ao sentimento popular e se percam na vulgaridade das coisas de que se lhes não reconhece immediata utilidade, e toda a sua beleza não ser capaz de comover uma alma rude?

Talvez.

E' facto que só os espiritos mais delicados, os sentimentos mais vibraveis se comovem com as lindas flôres, as apreciam e amam como a manifestação mais bela e tambem mais delicada da natureza.

Sim, são as almas eleitas, os corações sensiveis que lhes prestam o maior culto, são, emfim, os poetas do Sentimento, os contemplativos do Belo que por igual cantam a pobre florinha do vale, ou a rica perola arrancada ás entranhas do mar.

Para eles tudo tem o mesmo valor porque tudo é belo. Não ha riqueza que valha uma alma de eleição, um coração bem formado. Todas as riquezas materiaes se perdem na voracidade dos tempos, só as obras do espirito atravessam os seculos e são lição da humanidade.

Ahi temos Camões morrendo no humilde catre de um hospital, sem um lençol



NO JARDIM DA ESTRELA
Quadro de Abel Santos

para mortalha. O seu corpo perdeu-se no pó, como os seus ossos na confusão das sepulturas, mas a obra do seu espirito vive ainda.

Perderam-se riquezas que Portugal foi conquistar a novos mundos que descobriu; mas não se perderam os *Lusiadas* em que o imortal épico cantou os feitos dos portugueses nessas conquistas.

Anda em almoeada esse patrimonio, um tanto minguado do seu valor material; revive com maior intensidade o seu valor moral eternamente firmado no *Lusiadas*, gloria imorredora dos portugueses.

Veem neste momento nações estrangeiras cubicarem as conquistas que este povo firmou com o seu valor e com o seu sangue; mas neste mesmo momento essas nações veem prestar seu preito ao cantor dessas conquistas, a epopeia deste povo, associando-se á ideia de lhe levantar um monumento na capital do mundo: em Paris.

Como se não bastasse o monumento dos *Lusiadas* que ao mundo culto tem levado a fama de Portugal, outro monumento de pedra e bronze lhe querem levantar em Paris, para mostrar aos milhões de forasteiros que ali passam todos os anos, o vulto do poeta, orgulho da raça latina.

Partindo a iniciativa de um português, ha muitos anos residente da grande capital, o escritor Xavier de Carvalho, essa iniciativa encontrou eco nas academias francêsas, alemans e inglêsas, para a comemoração projectada.

As subscrições teem subido consideravelmente e em breve cobrirão as princi-

paes despesas, embora se elevem a uns quinze mil francos.

O monumento, como se lê numa comunicação de Paris, é obra do estatuário Luigi Batti, premiado em exposições de Roma, Berlim e Paris, e que é natural de Siena onde nasceu por 1867. O seu *Werther* entusiasmou Massenet e o seu busto de Galileu foi adquirido pelo eminente sabio Flamarion, por vinte mil francos, como se lê na mesma comunicação.

O monumento que vai ser inaugurado em 10 de junho proximo, nos jardins do Trocadero, de Paris, ao fim da Avenida Camões, representa o grande épico, tendo a mão esquerda sobre os *Lusíadas* e na direita uma pena. Em baixo, no pedestal, vê-se uma lira que é outra obra de arte.

A subscrição para o monumento está já nuns seis mil francos, encontrando-se na primeira lista dos subscritores nomes principaes da colonia portugueza e brasileira, em Paris, como a sr.^{ma} Condessa de Chateaubriand viscondessa de Sistelo, baroneza de Amstrong, Madame Bensaude e os srs. Visconde de Faria, marquês de Rochethulm, L. Prado, Dario Galvão, Olinto de Magalhães,

de Leandro Calderon, *Fim de uma tarde de verão*, belo effeito de cor e de boa tecnica; de Armando Lucena, *Entre a cevada*, donde emerge uma figura de mulher, cujas abas largas de um chapéu de palha lhe projetam sombra na cara, effeito bem alcançado, sem perder transparencia o tom sombreado. Com os artistas expõem os socios amadores, srs. Adriano Costa e João Baptista Junior, os trabalhos que fizeram na sua excursão, na maioria estudos apreciaveis, prometedores de obras mais completas.

A Sociedade *Silva Porto* tem creado bons pintores paisagistas que de ano para ano affirmam notavel progresso, como se comprova com a actual exposição.

A Arte continua a interessar a cronica, como o publico cada vez mais se vai interessando por estes certamens, ainda não ha muitos anos *avis rara* no país. Interessa-se ao ponto de já adquirir essas obras de arte, até quanto lhe permite a bolsa, ou o orçamento calculado para estes gastos, ficando muita vez com pena de não poder chegar a este ou áquele quadro, de maior custo.

Os quadros de menor preço, facilmente encontram compradores, e é vêr como se vendem e como o publico se acotovelava nas salas de exposições.

Na exposição de caricaturas realisada no Gremio Literario, a affluencia foi enorme.

Era o *Salão dos Humoristas Portuguezes*, onde reviviam obras de Rafael Bordalo e Celso Herminio, que são hoje uma recordação saudosa, a par de modernos caricaturistas. Americo Amaralhe, Isidro Aranha, Alfredo Candido, Jorge Barradas, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Francisco Valença, Candido da Silva, Cristiano Cruz, Faria e Maia, Joaquim Guerreiro, Meneses Ferreira, Almada Negreiros, Emerico Nunes, Nunes Ribeiro, Antonio Oliveira, Rocha Vjeira, Saavedra Machado, Sanches de Castro, Hugo Sarmiento, Viriato Silva, Silvio Duarte, Stuart Carvalhaes, Hipolito Colomb, Rodrigues Castanê e Santos Silva (Alonso).

Grande parte destes expositores são amadores, pelo que se vê que a veia humoristica, não é tão rara, como se podia supôr neste povo triste. Os homens mais em evidencia na cena politica, nas artes ou nas ciencias todos têm seu quinhão de caricatura, e numa estensa fita ou friso veem-se as figuras mais comicas dessas personagens com allusões ridiculas, dansando na *Corda Bamba*, como os denominou o seu autor, Alfredo Candido, numa feliz hora de inspiração humorista.

Leal da Camara tambem fez exposição de seus desenhos humoristas, no salão do Teatro Nacional, onde o publico concorreu em quantidade a apreciar os trabalhos deste consagrado caricaturista.

No *atelier* Bobone, o exímio aquarelista Alves de Sá expoz uma excelente coleção de aquarelas, de que os visitantes têm feito boas aquisições e, quando isto não fosse já uma surpresa num publico ainda não ha muito indifferente a estas manifestações de arte, houve ainda no elegante salão *Chiado Terrasse*, uma conferencia, pelo sr. Antonio Guimarães, d'*O Dia*, sobre a ultima duquesa de Palmela, essa dama tão illustre pelo nascimento como pelos dotes de seus talentos que a elevaram a um logar superior na arte portugueza.

O conferente foi ouvido com interesse pela selecta assistencia, que muitas vezes o interrompeu com aplausos, porventura mais conscientes do que aqueles que cobrem os oradores dos comícios populares.

E será ainda a Arte o fecho desta cronica

apresentando aos leitores, como prometera na precedente, a maqueta da floreira *Duas Patrias*, trabalho do escultor João da Silva, que vai ser oferecida em homenagem nacional á nação irman: o Brasil.

É uma feliz concepção allegorica, representando as *Duas Patrias*, que uma para a outra avançam através os mares, que foram o caminho do seu descobrimento e que por elles se uniram em corpo e espirito. Um grupo de Atlântidas em caprichosas posições ergue-se em volta da Patria Portugueza que, numa fantasiada caravela, caminha guiada á prôa pelo genio do Progresso; varios motivos decorativos exprimem a proveniencia da oferta e assinalam a data do descobrimento do Brasil, etc.

Na execução desta magnifica maqueta será empregado ouro, prata, bronze, marfim e alabastro, medindo a floreira 1^m,80 de alto sobre a base de 1^m,50.

Quatro seculos decorridos sobre o descobrimento pelos portuguezes dessa formosa America do Sul, não distanciaram os dois povos mais do que a natureza materialmente os apartara, e antes cada vez mais os aproxima em espirito como a voz do sangue que se não cala.

CARTANO ALBERTO.



Russia-Persia

«L'empire de Russie dépasse en étendue tous les autres Etats de l'Europe... sa plus grande largeur du nord au midi, savoir depuis Kola, en Laponie, jusqu'à la frontiere de Perse, est de quatre mille huit cent soixante kilomètres.»

L. Léonzon Le Duc — *La Russie Contemporaine*, Paris, 1854.

«... vencedores e comudo ainda não de todo recobrados do terror que lhes infundira o colosso asiatico, vencedores mas forçados a incessante pelea com o oppressor dos Jous e o inimigo hereditario, podiam os Athenienses fazer do hymno dos seus triumphos um brado de reprovação contra os Persas.»

Memorias apresentadas á Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo socio effectivo Luiz Garrido (Primeira memoria — Os tragicos da Persia, 2.^a parte, Eschylo — Os Persas) — Lisboa, 1879.

A primeira das precedentes epigraphes affirmase da idade contemporanea; a segunda fala nos de tempos remotos. Ambas, porém, encerram allusão á Persia, que, ha ainda poucos dias, chamou as attentões do mundo em conjunctura imminente de guerra talvez desastrosa.

A Persia antiga occupou um logar de preeminencia na Historia Universal, e os nomes famosos de Cyro, Xerxes e Dario estão longe de ser olvidados completamente.

É eloquente, a seu respeito, este quadro do hespanhol Donoso Cortez (*in Philosophie Catholique de l'histoire*, por Leroy, Paris, 1866):

«Cyro estabelece a unidade do Oriente. Oriundo da Persia, nação desconhecida do resto dos homens e avassallada pelos Médos, elle aspira ao sceptro da Asia. Em sua presença os potentados da Asia Menor humilham se e as multidões rudes dos Assyrios, dominadoras do Oriente, retrocedem.»

Uma unica batalha facultalhe as portas de Babylonia, séde de poderoso imperio, desde a destruição das muralhas da gigantesca cidade onde se erguia o throno de Nino e de Semiramis e que, sob o nome de Ninive, era adorada por todo o Oriente, rendido. Assim foi constituído o grande imperio oriental dos Persas, no qual se confundiram como rios no Oceano, todos os outros imperios.»

Entretanto, direi, com Bossuet (*Discours sur l'histoire Universelle*, Paris, 1860): «O seu grande imperio foi regido sempre com alguma confusão.»

No decorrer dos annos, degenerou tudo, sendo «a causa primeira da decadencia» como sustenta criteriosa e sapientemente José d'Arriaga *As Civilizações do Oriente e do Occidente* — Tomo 1.^o, *As Civilizações do Oriente*, Porto, 1907) «as guerras exteriores e interiores, as revoltas e conspirações de palacio, e a desordem e a anarchia, em que degenerou tambem mais esta monarchia.»

«A Persia, continua o distinctissimo escriptor, no tomo citado, não cahiu sómente pela fallencia moral, como tambem pela crise economica que acompanha aquella e os loucos desperdícios da realza. Os ouropéis, as ricas capas bordadas a



MAQUETA DA FLOREIRA «DUAS PATRIAS», POR JOÃO DA SILVA
(Cliché da «Mala da Europa»)

visconde Augusto Corrêa, visconde de Monte Redondo, etc.

Será uma linda festa, comovente, em especial para os portuguezes.

O *comité* francêz das festas, convidou Teofilo Braga a assistir e a discursar na inauguração do monumento. A ida a Paris do sabio, filosofo e poeta portuguez será um acontecimento no centro intelectual parisiense.

Pelas obras dos poetas Portugal é objeto destas homenagens.

Poetas são muitos de seus artistas quando se apresentam, como agora, na Exposição da Sociedade *Silva Porto*, interpretando na teta a paisagem da nossa terra, que a natureza encheu de todos os encantos da luz e do colorido que só almas de poeta prescrutam e sentem.

Sobresaem nesta exposição quadros de Alves Cardoso, *Estudo de nuvens*, de flagrante verdade; de João Trigo, *Estrada de Monchique* e outras paisagens algarvias caracteristicas; de Antonio Saude, *Depois da cheia, manhan*, colhida no vale de Santarem, de um belo effeito de luz e ao mesmo tempo de uma grande desolação; de Abel Santos, *Sol da tarde, Casa antiga, Jardim da Estrela*, estudo e *Flôres*, tambem no jardim da Estrela; de Frederico Aires, *Estrada das Baldrucas*, de um effeito surpreendente de verdade;

ouro e prata, os arminhos e os espectáculos apparatusos, serviram para encobrir as muitas chagas que gangrenavam este corpo em decomposição progressiva.

A agricultura e todos os ramos de trabalho da Persia definham mais e mais pelas guerras sem fim, e pelas desordens e estado anarchico, que sobreveio a todas essas grandezas apparentes, destinadas a cegar os povos.

A Persia, como a Chaldea, a Assyria, o Egypto e a Judea, morreu de anemia, ou exausta de recursos pela politica das loucas aventuras e de desperdícios dos seus reis ostentosos.

Em semelhante especie figuram a primor as expedições contra a Grecia, de que a mais tremenda e ameaçadora teve Xerxes a dirigil-a.

Xerxes, escreve Maspero (*Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient*) não sobreviveu por muito tempo a este desastre: foi assassinado pelo eunucho Aspamithres e pelo chefe dos guardas Artabano (465).

Isto é: os pretensos conquistadores não lograram a conquista.

«Quem poderia supôr, alguns mezes antes, exclama Duruy (*Histoire Grecque*, 6.ª edição, Paris, 1867) que o poderio da Asia haveria de encontrar o tumulo na Grecia? Todas as multidões do Oriente não conseguiram prevalecer contra esta nação débil, que tinha no acampamento o genio da civilização e o genio da liberdade.»

Mais tarde coube á nação da luz e do bello, onde Platão edificou para todos os seculos, a vez de descarregar o golpe de misericórdia no cadavérico agonizante que se chamara o imperio Persa.

Levou-o a effeito com Alexandre Magno, esse phantasma que lia Homero e patrocinava Aristoteles!

Deixemos, porém, a Persia antiga no eterno dormir das necrópoles do passado e voltemo nos para a Persia hodierna, a Persia fronteira da Russia, a Persia a que alludia o finado notavel historiador Alfredo Rambaud (*Histoire de la Russie*, 2.ª edição, Paris, 1879), n'estes termos:

«... Paskievitch, nomeado generalissimo, forçou, em 1827, os desfiladeiros das montanhas e a passagem do Araxe, aprestou dez mil homens ao príncipe real, tomou de assalto Erivan, baluarte da Persia, entrou triumphante em Tauris, segunda cidade do reino e pôz-se em marcha para Teheran. O rei Fet-Aly Shah, assustado, assignou a paz de Towkmanchai (10 de fevereiro de 1828); entregava á Russia as provincias de Erivan e Nakhitchevan, pagava uma contribuição de vinte milhões de rublos, e garantia aos russos importantes vantagens commerciaes. O Araxe tornou-se a fronteira dos dois Estados: Paskievitch recebeu o titulo de *Erivanski*.

A paz esteve a ponto de ser perturbada novamente, em 1829, pelo massacre da legação russa em Teheran, onde pereceu o poeta Griboiedof, ministro da Russia.

A Asia era hostil aos poetas russos: Lermontof devia acabar tragicamente, morto em duello no Caucaso. A corte de Teheran reprovou o crime da massa popular e, sem embargo da Russia se achar então a braços com a Turquia, o príncipe real foi a São Petersburgo dar plenas satisfações. A Persia ia soffrer, em cada dia, mais completamente a influencia russa, com sério despeito da Inglaterra.»

O que é a Persia dos nossos dias?

A esta natural interrogação vou responder com Bouillet (*Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*), na propria lingua do auctor:

«*Perse moderne ou Iran*, État de l'Asie occidentale, borné au N. par l'empire de Russie (dont il est séparé par l'Araxe), la mer Caspienne et le Turkestan, à l'E. par les roy. de Hérat et de Caboul et la confédération des Béioutchis, ou de S. par le golfe Persique et le golfe d'Oman, à l'O. par la Turquie d'Asie, s'étend de 42° à 60° long. E., et de 25° à 40° lat. N.; env. 11.000.000 d'hab.; cap., Ténérán (jadis Ispahan). On divise généralement ce royaume en onze provinces:

Provinces	Chefs lieux
Irak Adjémi	Téhéran
Tabaristan	Demavend ou Amol
Mazendéran	Sari
Gouilan	Recht
Aderbaïdjan	Tauris ou Tébriz
Kourdistan perse	Kirmanchah
Khousistan	Chouster
Farsou Farsistan	Chiraz
Kerman	Sirjjan ou Kerman
Kouhistan	Cheheristan
Khóraçan Occidental	Mesched

La Perse est un vaste plateau entouré de contrées montagneuses; les montagnes sont surtout nombreuses au N. O. Elle ne renferme qu'un très-petit nombre de cours d'eau: dans le bassin du golf Persique, le Tigre et le Chat el Arab; dans le bassin de la mer Caspienne, l'Araxe, le Kizil Ozen et l'Abi Atrek. Le climat est très-varié, chaud en général, brûlant en quelques parties; tempéré et même froid vers les montagnes. Au N. E. s'étendent deux vastes déserts arides et imprégnés de sel marin, celui de Nabendjan et celui du Kerman.

Dans le reste du pays, la fertilité varie selon que l'eau est rare ou abondante: dans les parties arrosées, le sol produit avec profusion tous les genres de céréales et des fruits exquis (c'est de la Perse que la pêche est originaire). Vins célèbres, jujubes, opium, tabac, rhubarbe, henné, galle, gommes. Gros bétail, beaux chevaux, onagres, dromadaires, buffles, moutons à grosse queue, chèvres innombrables; mais aussi beaucoup d'animaux malfaisants: lions, tigres, léopards, panthères, hyènes, ours, etc. Un peu de cuivre, argent, fer, marbre; turquoises, les plus belles du monde (on les tire surtout des mines de Nichapour); sel en quantité, naphte au Nord. Industrie jadis florissante, mais fort déchuée: tapis, soieries, châles, maroquins, armes, etc. Ce sont surtout les étrangers qui font le commerce: les Russes par Recht et Astrakhan, les Anglo-Indiens par Bender-Boucher, les Boukhares par Asterabad et le Khoraçan. Les Perses sont braves, déliés, polis et spirituels, mais ils passent pour faux, paresseux et très vicieux; ils sont très amis du luxe des habits.

Ils professent l'islamisme, mais sont de la secte *Chyite*, ce qui entretient leur haine contre les Turcs, qui sont *Sunnites*; on y compte aussi depuis peu beaucoup de *Sofites*.

Avant le triomphe de l'islamisme, la majeure partie de la population professait le Magisme ou religion de Zoroastre; il ne reste plus aujourd'hui un petit nombre de sectateurs de cette religion. Aux 11^e et 14^e siècles, il s'y trouvait aussi beaucoup de Chrétiens; mais à partir du 7^e siècle, les rois de Perse s'attachèrent à les exterminer. Les Chrétiens qui subsistent encore en Perse sont pour la plupart des Nestoriens ou des Arméniens schismatiques. L'instruction est très-répandue chez les Persans, mais ils aiment surtout la poésie et les fables: la Perse compte un assez grand nombre de poètes célèbres: Firdouci, Saadi, Djâmi, Hâfiz, Féry-eddi-Attar, et de grands historiens: Mirkhoud, Khondémir, etc. La forme de gouvernement est la monarchie absolue et héréditaire. Depuis 1828, le roi reconnaît por héritier le fils aîné de son fils aîné.»

Quanto á parte politica propriamente dita, seria redundancia inutil da minha parte occupar espaço com cousas recentes, que toda a imprensa relatou em momento opportuno.

O que, agora, de facto, assumira caracter grave e pareceu inicio de nova lucta — a guerra com a Russia — não se desdobrará por ventura em espectáculo antinómico de depressão moral, a contrastar com este seculo adiantado, que já não devia testemunhar actos de rapina e scenas cannibalescas, mas amplexos fraternaes e provas liberrimas de Sciencia authentica.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Sé de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

Devido á grande differença de nivel que existe entre o terreno do claustro e a rua das Cruzes da Sé, torna-se impossivel fazer desaparecer completamente a grande muralha que alli existe; todavia, ainda se póde melhorar bastante a esthetica d'este lado da Sé, cortando-se mais uma parte d'essa enorme mole de pedra, no sentido da charola e correndo com ameias a parte superior, de fórma a deixar ver o acabanado do telhado e a arcaria superior do claustro.

O effeito actual d'esta muralha é mau, ninguem o ousa contestar; mas era muito peor emquanto se conservou unida a um dos botareus que ajuda a sustentar a janella do extremo sul do transepto.

Esta janella, de estylo ogival, estava perfectamente dependurada a meio da sua altura; e a muralha que n'ella se encontrava foi destruída até ao nivel do claustro e na extensão sufficiente para que a magnifica charola da igreja podesse engrandecer a esthetica da linha geral da fachada

lateral sul. Essa muralha assentava no macisso da parede sul da capella de S. Vicente, vindo repousar na fraca abobada da mesma capella, que resistiu a tão enorme peso. Só a consistencia dos velhos monumentos, que, no dizer de Augusto Fuschini, se tornam perfectos monolithos, póde explicar este caso interessante.

Este trabalho, pensado por Augusto Fuschini, foi, felizmente, levado, em parte, ainda por elle, a effeito; mas será preciso ir-se mais longe, se se quizer completar todo o projecto.

No claustro, deixou prompta a janella ogival, que, ao fundo, deita sobre a rua das Cruzes da Sé, quasi no extremo da fachada lateral sul, e as que se vêem na parte inferior das capellas, em que já falámos. O restante trabalho, n'esta parte do edificio, consistiu em desobstruir, trabalho aliás dispendioso, maçador e ingrato.

A restauração da capella de Bartholomeu Joannes bem o poderia attestar, se os desenhos existentes podessem explicar claramente todo o trabalho de demolição que teve de se levar a effeito, pois que, no logar da primitiva capella, quasi havia sido construído um verdadeiro *predio*, com dois pavimentos, estando o segundo a meia altura da capella, e cada um d'elles dividido n'uma serie de compartimentos, inclusivé as indispensaveis retretes!

E tudo isto, que bem se póde classificar de vandalico, para alojar o pessoal menor do serviço da cathedral de Lisboa! Unicamente para isto se commetteu tão grande attentado de lesa arte e religião! Na propria torre que lhe fica proxima, outras retretes se haviam construído, o que explica o exaggerado carcomido da sua fachada, em que as cantarias estão corroidas, devido a permanentes infiltrações.

O que se fez nos primeiros annos de restauração da Sé consistiu principalmente em desobstruir e remover entulhos; por isso, ninguem calcula, nem mesmo as pessoas que pelos seus conhecimentos o poderiam avaliar, o trabalho de investigação e paciencia que foi preciso, para dar á Sé de Lisboa o aspecto que já agora apresenta, ainda, infelizmente, hoje bem longe do que deve ter.

Como se póde concluir, Augusto Fuschini limitou-se quasi exclusivamente á restauração da parte peripherica do edificio, porque esta, sob o ponto de vista esthetico e de embelezamento, era a mais importante. Concluída esta restauração, entraria então na parte interna do edificio.

Como dissémos, não era nosso proposito fazer uma descripção minuciosa da obra de restauração da Sé patriarchal pensada por Augusto Fuschini, e parte da qual foi por elle levada a effeito; mas, recordando que este trabalho de restauração satisfaria a um dos grandes ideaes da sua vida — poder realizar praticamente a sua concepção artistica — por isso nos demorámos um pouco mais na descripção d'este ultimo quadro da sua vida.

Na apreciação critica que, em qualquer tempo, se tiver de fazer a respeito d'esta obra, dever-se-ha sempre afirmar que, para o espirito de Augusto Fuschini, a verdadeira expressão do bello artistico existe na linha que se dá ao trabalho. A fórma será sempre, antes de tudo, a mais ampla manifestação artistica de todos os assumptos architectonicos, seja qual fór o estylo. Talvez que, por ser este o seu ponto de vista, foi que Fuschini se interessou sempre medianamente por assumptos propriamente do dominio archeologico; e, com effeito, a archeologia não corresponde á mais larga manifestação do sentimento artistico.

A capella de Bartholomeu Joannes, que, sem duvida, foi um dos mais bellos trabalhos da sua restauração, bem póde attestar aquella feição do seu espirito, na junção de dois corpos architectonicos de diferente natureza, e em que um fatalmente prejudicaria o outro, se se restaurasse exactamente como havia sido. Augusto Fuschini tratou de definir as linhas do mais importante sob o ponto de vista architectonico, deixando por isso na capella de Bartholomeu Joannes uma perfeita harmonia.

Por estas razões, a restauração da Sé de Lisboa ficou quasi traçada nas suas linhas geraes.

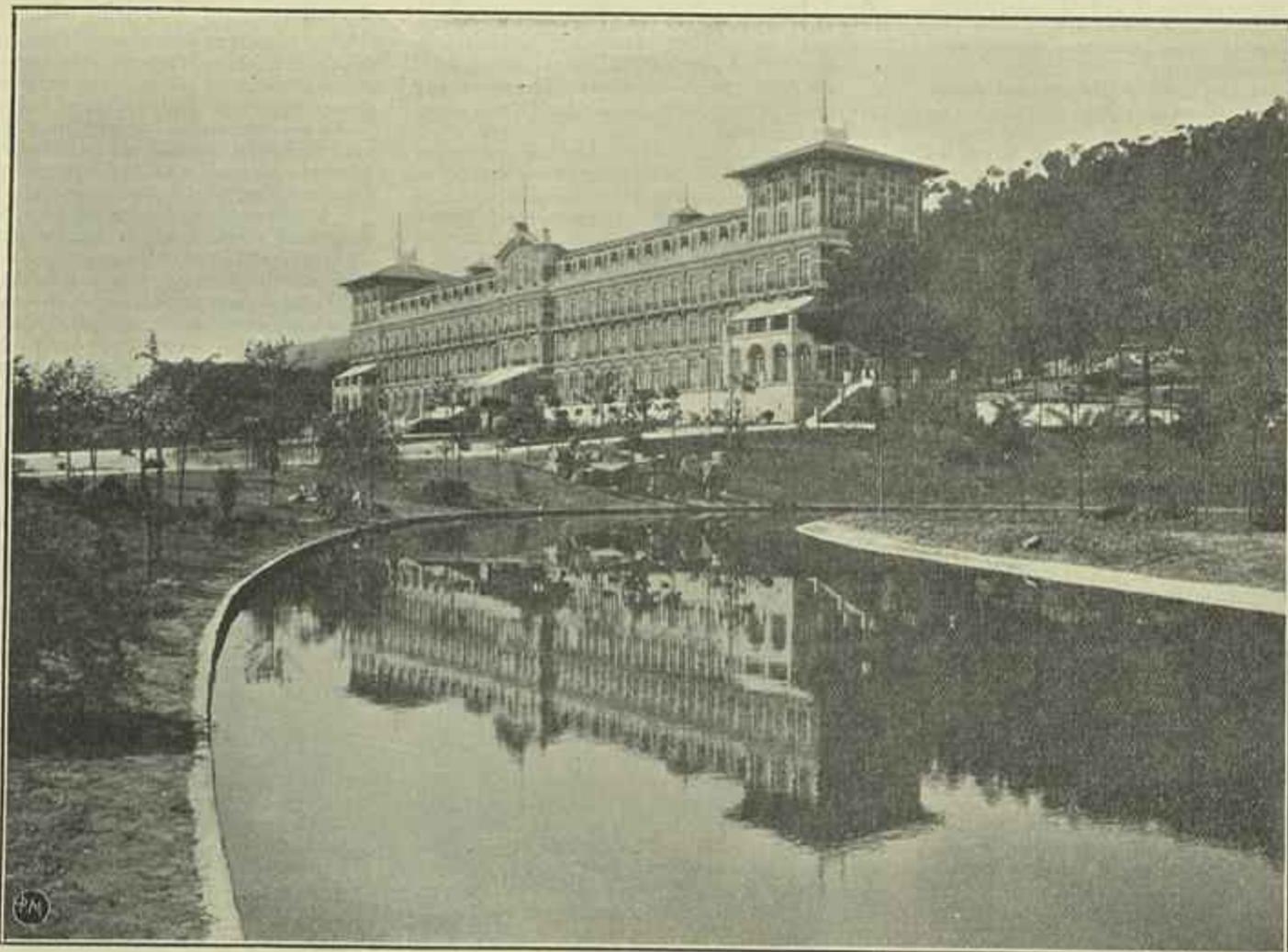
(Continua.)

MARTINHO DA FONSECA

— Onde mettemos você a coragem? perguntaram a um sujeito que fugia de um barulho em que roncava o cacete.

— Nas pernas, respondeu elle.

A Estancia de Aguas de Vidago



VIDAGO-PALACE-HOTEL, SOBRE O LAGO -- FACHADA PRINCIPAL.

A Estancia de Aguas de Vidago

Aproxima-se o verão, os aquistas preparam suas malas e vão em demanda das estancias de aguas que abrem suas portas e á porfia lhes oferecem o maior numero de comodidades, as paisagens mais belas, as aguas mais excellentes.

A' frente de todas encontra-se Vidago, a Vichy portugueza, como lhe chamam, alcandorada, no alto da provincia de Traz-os-Montes, descendo pela encosta até á margem direita do ribeiro Oura, afluente do Tamega, no meio de uma paisagem cheia de contrastes, como outros tantos quadros de variado colorido, segundo o temperamento e sentir do artista.

A' altitude de 330 metros, entre montes e colinas, que moderam a ação dos ventos, este local oferece um clima temperado e muito sedante, um solo de origem vulcanica e constituição granitica, permeavel, que não permite a existencia de pantanos ou a menor estagnação de aguas, sendo assim o ar que ali se respira o mais puro e seco que é possível encontrar.

As nascentes de Vidago, provenientes da margem esquerda do Tamega, só foram reconhecidas como de aguas medicinaes, nos meados do seculo passado, pelo feliz acaso de um lavrador dispepetico ter feito uso delas com belo resultado. Daqui se seguiu uma análise quimica pelo eminente dr. Agostinho Vicente Lourenço, o qual, em 1865, publicou um relatório do estudo hidrologico que fez das nascentes mineraes do concelho de Chaves.



AVENIDA DO VIDAGO-PALACE-HOTEL Á ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

Outros estudos ainda se fizeram até 1873 que confirmaram plenamente os primeiros, constituindo-se então a Empresa das Aguas de Vidago, para a sua exploração e logo se iniciaram valiosas construções, taes como as do Grande Hotel e outros melhoramentos locais, o que naqueles tempos foi considerado empresa arrojada, tanto mais que as comunicações de Vidago com o resto do país eram dificeis e penosas, atravez da serra do Marão num percurso de proxima-mente vinte leguas feito em caruagem.

A excellencia das aguas e as belesas de Vidago de tudo triunfaram, popularizando-se esta estancia, com vantagem sobre outras do país e até do estrangeiro, onde sua fama tambem chegou.

Em pouco tempo o consumo da Agua de Vidago atingiu a totalidade do seu caudal.

Então a actual gerencia desta Empresa, composta dos srs. conde de Caria, representante da Empresa junto do governo, conde de Mendia, Francisco Santos & Viana, Antonio José Viana, João Sabino Viana e dr. Teixeira de Sousa, lançou no mercado a agua de Sabroso proveniente de um grande caudal riquissima de gaz carbonico, a melhor agua de mesa; adquiriu a fonte de Vidago 2, e procedeu á construção de novos parques, levantou elegantes pavilhões para abrigo das novas fontes, e levou a efeito a edificação do suntuoso Palace-Hotel, o mais luxuoso e elegante hotel da Peninsula.

O Grande Hotel, primeiro construido e o Vidago-Palace-Hotel, ultimamente edificado, asseguram ma-

A Estancia de Aguas de Vidago



PAVILHÃO DA FONTE DE VIDAGO



VIDAGO-PALACE HOTEL—UM QUARTO

leitura e de escrever, de *toilette* para senhoras, o consultorio medico, o escritorio da administração, a sala de barbear, etc.

Nada falta neste hotel em comodidades e bom gosto no mobiliario, que constitue uma verdadeira exposição de arte, que muito honra a industria nacional.

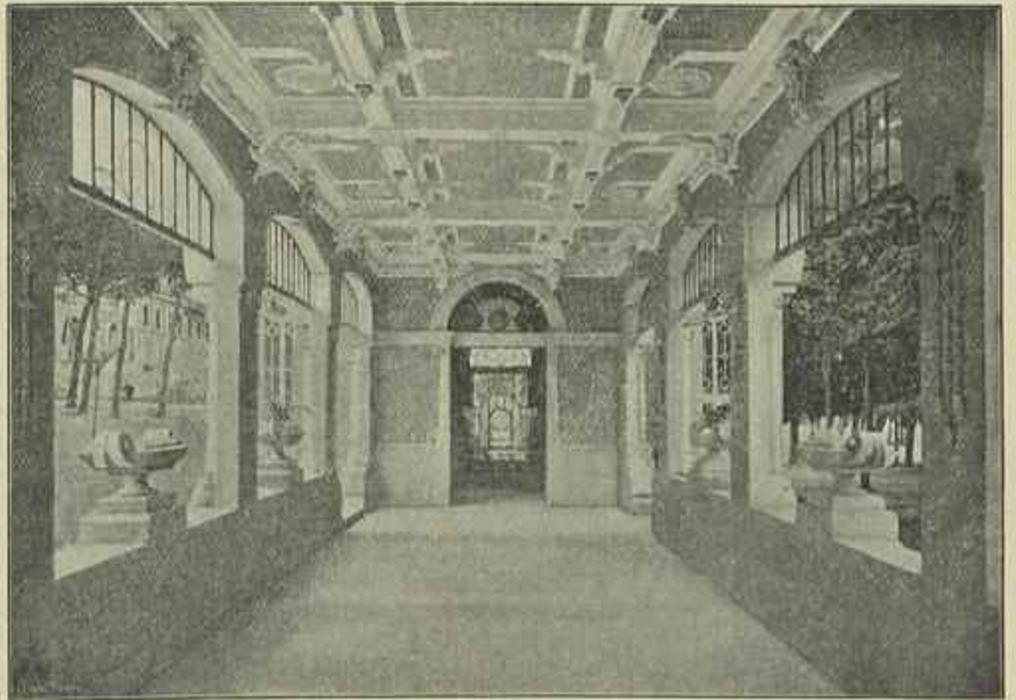
Uma rede de telefones liga todos os aposentos e depen-



SALA DE UM «APPARTEMENT»

gnifica hospedagem a perto de 300 aquistas, além de diversos hotéis, extranhos á Empresa, que existem em Vidago.

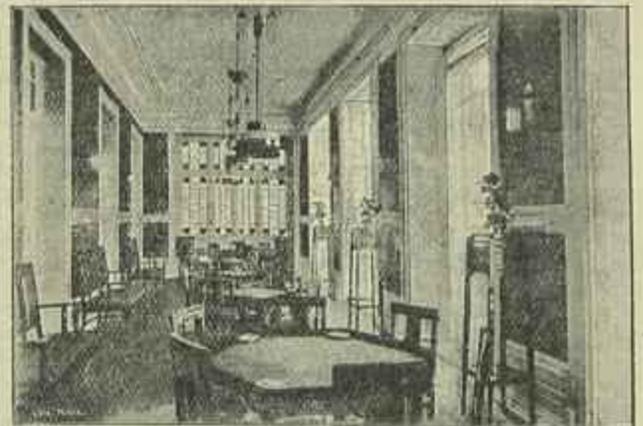
A sala de jantar deste ultimo, ricamente decorada e vasta, tem de comprimento 40 metros, eleva-se á altura de dois andares, tendo bem lançadas galerias suspensas. De notar é tambem o espaçoso e artistico *hall*; a sala de visitas, verdadeiro encanto, o salão nobre, a confortavel sala de fumo. Seguem-se ainda as salas de



GALERIA DA FONTE DE VIDAGO



VIDAGO-PALACE-HOTEL—UM TRECHO DO SALÃO DE JANTAR



VIDAGO-HOTEL-PALACE—SALÃO DE JOGOS DE VASA

dencias do hotel, Duas maquinas Wolf de 80 cavalos de força alimentam a energia para uma profusa iluminação elétrica, por todos os edificios, parques e avenidas, produzindo um efeito feerico.

A baixela, porcelana e cristaes, completam o serviço luxuoso das mesas, a par dos creados de irrepreensivel porte. Todos os regimens dietéticos são executados com o maior escrupulo e exatidão, garantindo-se a genuidade dos generos.

O Vidago-Palace-Hotél oferece todos os divertimentos de desportos, além da Grande Sala de Festas onde, durante a época, toca um sexteto e se dança animadamente, sob as melhores condições higienicas.

Nos parques ha todos os jogos desportivos como o *lawn-tennis*, *croquet*, tiro ao alvo, patinagem, e no lago elegantes barcos para os exercicios de remar e para regatas como ali se tem realisado.

Além dos grandes parques e avenidas para passear e gosar os panoramas mais lindos, ha os arredores que oferecem interessantes passeios a pé, de carruagem ou de automovel.

Os transportes hoje para Vidago estão relativamente facéis, oferecendo todas as comodidades dos combois que partem do Porto, em ligação com o rapido de Lisboa e com o rapido vindo de Espanha chamado o de Medina.

Por este modo os combois levam os passageiros até Vidago, sem mais incomodo.

No dia 25 do corrente abre as suas portas ao publico esta deliciosa estancia, que temos o prazer de indicar a nossos leitores, como a melhor da Península.

Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg (1760-1802)

VI

A situação de Zumsteeg depois da morte de Karl Eugen foi cada vez a peor. O novo duque Ludwig Eugen tinha levado de Bayreuth em 1794, o seu *Musikdirektor*, um tal Distler, ficando assim dividido o trabalho por este e por Zumsteeg.

A *Karls-Schule* foi suprimida com o instituto de musica, o que veio augmentar ainda mais a falta de meios de Zumsteeg. Porém o compositor recebeu por esta occasião um pedido bastante importante para escrever uma serie de cantatas religiosas, infelizmente Zumsteeg só teve tempo de escrever 14 cantatas.

Em 1795 o duque Ludwig morreu, e seu irmão Friedrich-Eugen ficou em seu lugar. Mas este ainda toma menos interesse pela musica, dá o theatro a directores estrangeiros. Todo o progresso torna-se impossivel na suprema decadencia da tradição de Jomelli, contra a qual Zumsteeg fica impotente.

Uma nova influencia estrangeira vae concorrer para que a crise artistica augmenta ainda mais. Na corte apenas gostam das canções e das operetas francezas. Um certo visconde de Wargemont favorito da duqueza, organisa entre a alta nobresa uma companhia de amadores que representam varias peças, com pouco agrado.

Todavia confia de Zumsteeg a feitura da musica para estas peças, e o compositor sahio-se tão bem, que teve que escrever uma grande serie. Estando o compositor completamente dedicado a estes trabalhos, abandonou um pouco as obras para o seu editor Breitkopf, em todo o caso, recebendo bastantes pedidos, escreveu *Die Blisende*, *Hagars Klage in der Wüste Bersaba*, e *Lenore*.

Zumsteeg cahiu realmente doente. No começo de 1798, uma ardente febre foi um golpe terrivel na sua vida. Nunca ficou curado, e durante as suas horas de trabalho, sentia-se tão incomodado que recolhia logo á cama cheio de dores.

Mas não era sómente a sua falta de saude que lhe minava a alma, a fraqueza da sua mulher e dos filhos ainda o incomodava mais. A guerra tambem era o seu constante pensamento; os movimentos dos francezes eram para o compositor uma ideia horrivel. Nas suas cartas d'esta epoca Zumsteeg dava bem a entender quanto soffria! A sua miseria cada vez augmentava mais, e para poder viver, teve que pedir soccorro a um tio que lhe tinha servido varias vezes.

E' no meio d'estas luctas moraes e physicas que passam os ultimos quatro annos de Zumsteeg, e é mister notar que foi n'esta epoca que analysaremos uma nova phase da sua obra musical. Zumsteeg talvez pensando em Mozart, voltou as suas vistas para o theatro; trabalhou na *Tempestade* de Shakespeare, *Die Geisterinsel*. Esta musica alcançou um certo successo. A representação retardada por causa de intrigas até ao fim de 1798, despertou tanto entusiasmo que o compositor teve que apparecer na scena.

Foi tal a alegria que Zumsteeg teve que escreveu ao seu amigo Schiller dizendo-lhe: «O meu mais ardente desejo, era ter um libretto escripto por ti. Apenas te peço que o assumpto seja heroico-comico. Não calculas o grande successo que eu tive com a *Ilha dos espiritos* (1). Pensa na minha ideia, e trabalha já não digo para o amigo, mas para o compositor.»

(Continúa.) ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Litteratura Estrangeira

II

A'cérca d'O crime do Padre Mouret, de Emilio Zola.

Sob a epigrapha generica de *Litteratura estrangeira* iniciou a personalidade de Nós uma série de noticias referentes a bons livros traduzidos, e, applaudindo a ideia, seguimos-lhe na esteira, mercê da gentileza de Caetano Alberto, o activo director proprietario d'este interessante trimensario.

Cabe nos, pois, a suprema honra de nos referirmos agora a um precioso livro que a casa editora Guimarães & C. — sob a gerencia do nosso querido e muito intelligente amigo Paulo Martins — acaba de lançar á publicidade.

E' o livro em questão *O crime do Padre Mouret*, do grande e fecundo escriptor realista Emilio Zola. E' uma soberba obra de combate entre a Religião e a Natureza. Escripto n'uma forma grandiosa e fluente, tem trechos de uma verdade contundente.

E' Emilio Zola uma das mais grandiosas figuras da contemporanea litteratura franceza, figura que a morte tão abrupta e estupidamente arrancou ás lettras, ás quaes ainda promettia grandes e, decerto, perduraveis obras como são todas quantas o grande romancista publicou.

Este *Crime do Padre Mouret* fez parte da celebrada collecção dos *Rougons Macquart* em que o extraordinario escriptor tentou, e conseguiu, fazer um estudo social, politico e, ao mesmo tempo, naturalista do segundo imperio, isto desde o golpe de Estado de 1851 até á proclamação da terceira Republica em 1870, começada pela *Fortuna dos Rougons* e terminada pela *Derrocada*, a historia romantizada da guerra de 70, e o *Doutor Pascal*, complemento scientifico da sua soberba *Historia natural e social de uma familia no segundo imperio*, como intitulado o seu estudo historico-romantico.

O crime do Padre Mouret é uma das mais interessantes partes d'esse trabalho, e n'elle se estuda a força que sobre a propria Natureza tem o espirito religioso, principalmente em individuos nascidos em determinadas condições de hereditariedade, educados em certos meios, e debaixo de certas influencias; e ao mesmo tempo se analisa a que sentimento de levantada dedicação e amor leva o simples impulso da Natureza pura, e sem mescla de interesse. Este livro tem, simultaneamente, um vulgarissimo aspecto symbolico, com o seu Parado, o seu Archangias, talvez outras tantas allegorias ao Paraizo terrestre da Biblia, bem como ao biblico Archango que expulsou d'esse Paraizo lendario Adão e Eva. Zola — que até n'isto mostrou a grandiosidade de elevação do seu incomparavel espirito — aproveitou o ensejo para fazer d'esse Parado o mais extraordinario repositório da botanica, que nos tem sido dado encontrar n'um livro de pura phantasia litteraria. Este livro é ainda mais uma prova da estranha malleabilidade do enorme talento de Emilio Zola, cuja perda, não só a França, mas todo o mundo culto, deplora e deplorará ainda por largos annos.

Falando do livro, resta-nos falar da traducção

(1) Foi cantada em Francfort, Vienna e Leipzig.

que foi confiada a um dos nossos mais eruditos escriptores que, modestamente, se acoberta sob o pseudonymo de *Pandemonio*, traducção que não desmerece do original e, se licito é dizê-lo, pagina ha em que é excedido, de tal modo o conscienciosissimo traductor se dedicou a esse trabalho mercenario que se chama traduzir.

Pandemonio dedicou-se de alma e coração a essa tarefa, produzindo um magnifico trabalho, pois que Zola — como Balzac, Daudet e Lamartine — não é escriptor que se ponha a portuguez com a mesma facilidade que pôde, talvez, suppor-se, e *Pandemonio* conseguiu isso com um cuidado extremo, com todo o seu carinho e amor, com rara facilidade e felicidade.

Felicitando a casa editora pela publicação de tão soberbo livro, e o traductor pelo primor e correcção do seu trabalho, cumpre-nos agradecer a offerta dos numeros 77 e 78 da *Collecção Horas de Leitura* constituídos pelos dois volumes d'*O crime do Padre Mouret*.

XVIII — IV — CMLXII.

RUY D'ARQIM.

As ultimas perdizes

(Continuado do numero 1197)

V

Mal o escrevente chegára á porta da rua, encontrou pela sua frente o guarda noturno, que principiava a revista ás escadas. O encontro não foi feliz, porque o guarda vendo aquele homem a sahir apressado para a chuva e com as perdizes penduradas da mão, desconfiou que fosse algum larapio que ia fugindo com o que pudera apanhar e embargou-lhe a passagem interrogando:

— Onde vae com isso?

— Que lhe importa? retruquiu o Inacio, enfadado como vinha de aturar os destemperos do dr. Gil.

— Você refila!? ameaçou o guarda, tirando a lanterna do cinturão para a aplicar á cara do suposto larapio; mas eis senão quando reconheceu o escrevente e se apressou a pedir desculpa.

— A noite está tão escura que eu não o reconhecia, queira desculpar, senhor, queira desculpar.

Estas palavras foram um balsamo consolador para o pobre Inacio, depois dos despropósitos do doutor que o tinham verdadeiramente azuado. Foram uma nesga de ceu azul naquela noite tenebrosa. Até que enfim, em vez de o invectivarem, alguém lhe pedia desculpa, coitado!

Mas não era isto que verdadeiramente o preocupava naquele momento; os seus cuidados agora eram outros.

Que deveria fazer? interrogava ele a si proprio. Levár as perdizes e a carta á rua das Amoreiras, ou ir para casa esperar novas ordens?

O dr. Gil tinha um genio irascivel, que o escrevente, apesar de o aturar ha mais de doze annos, ainda não fôra capaz de o comprehender. O que o Inacio sabia é que o doutor quando dava uma ordem não admitia observações, e assim ele tinha o mandado entregar as perdizes e a carta, e então era obedecer e cumprir a ordem.

Mais pelo instinto do que pelo raciocinio, o Inacio, foi andando a caminho das Amoreiras, á procura do numero indicado na carta, o que lhe não foi facil reconhecer na escuridade da noite.

Passava das onze horas, e o vento continuava a puxar a chuva, quando o Inacio batia á porta tres argoladas que reteram por todo o predio. Apesar do ruido, ninguem abriu a porta, de modo que o Inacio foi batendo sempre, até que de uma janela do terceiro andar, uma voz forte de homem gritou:

— Quem é!

— Faz favor de abrir, gritou por sua vez o Inacio, cá de baixo.

— Eu não faço favores a estas horas; quem procura? voltou a mesma voz, em tom ainda mais alto.

O Inacio, apressando-se a acender um fosforo, examinou como pode o sobrescrito e respondeu:

— A sr.ª D. Vitoria Euzebia Valente.

— Isso não é aqui.

E acto continuo o escrevente sentiu fechar a janela com estrondo, não lhe permitindo aquela

brusca maneira de responder, nenhuma esperança de saber mais nada.

Em casa do dr. Gil as coisas não corriam melhor.

A governanta, despeitada com o doutor por causa da carta, era toda curiosidade em saber para quem era a missiva acompanhada das perdizes. Por mais que o dr. Gil gemesse, contorcendo-se debaixo da roupa, a vêr-se a governanta se condoia e o deixava com perguntas impertinentes, ela cada vez insistia mais.

O doutor ainda lhe explicava que a carta e as perdizes eram para o seu amigo de infancia, o dr. Eusebio, um condiscipulo, a quem desejava obsequiar no dia dos seus annos, com um par de perdizes de que elle gostava muito. E com esta historia o dr. Gil pretendia desvanecer toda a suspeita de que se tratasse de mulher metida no caso.

Mas a governanta, com toda a sagacidade propria do seu sexo, em casos taes, não se dava por convencida nem vencida.

Era lá possível que para obsequiar um amigo velho, com umas perdizes, o doutor se metesse por um dia daquelles á chuva, á tempestade, para as ir caçar, e fizesse andar agora o pobre Inacio em palpos de aranha, por altas horas da noite, as ir levar ao seu destino.

— E' aqui perto, na travessa das Vacas, que mora o dr. Eusebio.

— Essa agora é melhor, acudiu sagaz a governanta, o Inacio falou na rua das Amoreiras...

O dr. Gil, meio desconcertado, atalhou:

— Aquele imbecil do Inacio disse isso?

— Sim, senhor, confirmou a governanta muito segura de si.

— Não póde ser, não... mas reconsiderando, continuou, póde ser, póde, é que o dr. Eusebio mudou-se ha pouco tempo e não me lembrava agora.

— Então o senhor dirigiu a carta para a rua das Amoreiras e não se lembrava, recalcintrou a governanta.

— São as dôres, mulher, são as dôres, que já nem sei o que digo.

— Tambem me parece que o senhor não sabe o que diz, nem o que faz. Ahí anda coisa que lhe transtornou o juizo, anda, anda. O peor é eu cá estar para lhe aturar as loucuras, de mais a mais num homem dessa idade.

— Nesta idade?! Que tem você que dizer á minha idade? interrompeu o dr. Gil, ferido no seu orgulho veril.

— Tenho tudo, não fosse eu uma tola em o estar a aturar, em olhar pelo governo da casa, em o mesinhar, nos seus achaques, a tratá-lo com carinho, com amor, para afinal andar lá por fóra em loucuras, como se fosse um rapaz, com cartinhas e presentes, que bem sei para quem são...

E uma convulsão de choro não deixou a governanta proseguir.

O dr. Gil continuava a contorcer-se na cama. O choro da governanta comovera-o, pois elle tinha tão mau genio como bom coração. Era justo aquele desabafo da pobre mulher que tantas provas lhe tinha dado da sua dedicação, e assim acudiu a estancar-lhe as lagrimas.

Que ella estava completamente enganada nos seus juizos. Elle não praticava loucuras em mandar um presente ao seu amigo. Tinha talvez sido um capricho ir á caça com tão mau tempo, mas para castigo bem lhe bastava o incomodo que sofria e o desgosto de a vêr chorar.

A governanta vendo se ganhar terreno, continuou a exigir.

— Eu não acredito nessa historia do dr. Eusebio. Isso é invenção. O senhor, é livre e está na sua casa e eu não estou na minha. O verdadeiro é ir-me embora e o senhor procurar quem o ature porque eu já estou farta.

O argumento era forte, punha em risco o comodo egoismo do dr. Gil costumado com a governanta ha mais de vinte annos, em que a trouxera da sua terra, pois eram patricios.

A Germana, assim se chamava, era então bôa môça e nada feia, viera por simples criada, mas esperta e prestavel, elevára-a a governanta depois de alguns annos, e com isso o dr. Gil nada perdera, porque a Germana era muito economica, poupada, olhava por tudo de casa como se fóra seu, e o senhor doutor, como ella sempre o nomeava, merecia-lhe os maiores cuidados, porventura as dedicações amováveis de um coração de mulher. Elle talvez não lhe correspondesse como devia, a todos aqueles carinhos que, afinal, se tornaram em habito, cahindo na banalidade das coisas que já não se apreciam, por isso que se

possuem, chegando quasi a aborrecer, e muita vez a já se não estimar o que é bom só porque é nosso, e a cobiçar o mau só porque é alheio.

Não quer isto dizer que o dr. Gil fôsse em absoluto deste pensar, mas partilhava-o quanto ele é humano. Uma coisa, porém, o preocupava, e era o perder a sua Germana que, em todo o caso, tanta conta lhe fazia.

Era preciso deitar agua na fervura dissuadindo a governanta da resolução que queria tomar.

— Venha cá Germana, disse o doutor tão amavelmente quanto lho permitiam as dôres que estava sofrendo, você não tem motivo para se ir embora, isso é uma sem razão, uma suscetibilidade que não se justifica. Eu tenho-a sempre tratado como pessoa de familia que se estima, conheço-lhe bem as qualidades que muita vez tenho apreciado, que mais hei-de fazer. Não quer que tenha amigos e que me lembre dêles...

Mas ainda o doutor não tinha acabado já a Germana, assim lhe chamaremos agora, atacava com ironia.

— Mas que amigos! que lhe dão cabo da saude e do socego, fazendo me andar aqui que nem uma moira a tratá-lo e a andar tudo numa doba-doiro, como o pobre Inacio, tão bom homem e que tambem está no ceu de o aturar.

— Não lhe dê cuidado o Inacio, atalhou o doutor um tanto picado. Quanto a amigos já tenho poucos do meu tempo e não quero novos. Póde você estar certa que não terá mais contrariedades por minha causa; juro-lhe até se assim o quer, concluiu por fim o dr. Gil estendendo a mão á Germana, como ha muito tempo não fazia.

Ela comoveu-se, sentindo o dr. Gil apertar-lhe muito a mão entre as dêles. Uma lagrima sincera e depois outra e mais outra se desprende dos olhos da Germana, como se fôsse de um hisopo de agua benta espargida sobre aquella desejada conciliação e nisto estavam os dois, quando se sentiu forte argolada á porta da rua.

O eco da pancada retiniu pela casa, e a criada, que estava na cosinha a fazer papas para aplicar sobre os rins do doutor, veio de cataplasma nas mãos, perguntar se podia abrir a porta áquelas horas.

Logo lhe sahiu ao caminho a Germana a dizer-lhe que abrisse se fôsse algum conhecido.

— E' o sr. Inacio, gritou da escada a criada.

— Que entre, entre, respondeu a Germana indo-lhe ao encontro.

O Inacio vinha mais morto do que vivo. As perdizes penduradas da mão esquerda como da direita lhe pendia o chapéu de chuva a escorrer, serviam-lhe de maromba de equilibrio para se ter em pé.

— Então ainda cá volta esse homem, vociferou o doutor ao ouvir falar no Inacio.

— Volto, volto sr. doutor, balbuciu o Inacio, em grande desalento, meio amparado pela Germana, e acrescentou. Sou muito infeliz...

— Explique-se, disseram a um tempo a Germana curiosa e o doutor inquieto.

— Pois explico, continuou o Inacio, um pouco reanimado. Depois que aqui estive tenho andado ao frio e á chuva para dar conta do recado, mas na casa que indicou da rua das Amoreiras, não mora aquella senhora.

Mal o Inacio pronunciou a palavra *senhora*, a Germana deu um estrepitoso arrôto de flato, ao mesmo tempo que o doutor soltava uma praga medonha, com que o escrevente se aterrou, caindo-lhe das mãos as perdizes e o chapéu de chuva e desaparecendo como se o chão se tivesse aberto a seus pés.

(Continúa.)

CARTANO ALBERTO.

Coliseu dos Recreios

Opera lyrica

Hernani — *Lucia* — *André Chenier* — *Madame Butterfly*

A velha opera de Verdi, *Hernani*, foi um pretexto para a estreia do nosso conhecido barytono *Mulina*. Não pôde brilhar, pois via-se claramente que estava ainda doente.

Os restantes cantores discretos.

A *Lucia* com a cantora Dora Domar, agradou sem favor; como cantora e como actriz soube vencer todas as dificuldades da opera.

O tenor Vercher regularmente, os restantes, mal.

A opera de Giordano *André Chenier*, teve um desempenho harmonico. Cavalleri, Marrugatti, Azeña, Moreo e Granadas, fóram merecedores dos applausos que tiveram.

A *Madame Butterfly* de Puccini, encontrou em Dora Domar uma distincta interprete, cantando a sua parte magnificamente.

O tenor Vercher regularmente, como a cantora Marrugatti e barytono Moreo.



NECROLOGIA

Visconde de Balsemão

No dia 19 de março proximo passado faleceu na sua casa de Lisboa, á rua de José da Silva Carvalho, 137, o sr. D. Luis Alexandre Alfredo Pinto de Sousa Coutinho Alves Godinho Brandão Perestrelo, 5.º Visconde de Balsemão, que nasceu a 11 de janeiro de 1839, filho do 4.º Visconde do mesmo titulo, D. Vasco Pinto de Sousa Coutinho, fidalgo da Casa Real, par do reino e conselheiro de D. Maria II, que serviu na marinha de guerra e depois no exercito ás ordens do Marechal Saldanha, tendo emigrado para França, onde em 1832, publicou um volume, *Memorias sobre algumas antigas côrtes portuguezas, extractadas fielmente de manuscritos autenticos da Biblioteca Real de Paris*, e regressando á patria voltou a servir no exercito liberal até á convenção de Evora-Monte. Foi bibliotecario mór interino da Biblioteca Publica de Lisboa e diplomata distinto servindo nas legações portuguezas de Madrid, Vienna d'Austria, etc., etc.



VISCONDE DE BALSEMÃO

O fidalgo agora extinto herdou de seu illustre pae a par das qualidades que tanto o distinguiram o morgadio da casa Balsemão instituido, em 1315, com os senhorios das casas de Leomil e Toens, de Correixas e Ermigeira, em Torres Vedras, etc.

Como seu pae, exerceu cargos diplomaticos, como secretario de embaixada em Roma e adido honorario de legação em Madrid. Filiado no partido regenerador, foi deputado por Torres Vedras, nas legislaturas de 1879 a 1882. Desempenhou tambem os altos cargos de governador civil de Aveiro e o de presidente do municipio de Torres Vedras.

Em 29 de julho tomou assento na camara dos pares por direito hereditario e no parlamento foi figura de destaque, muito considerado entre os partidos politicos e especialmente no regenerador, em que prestou bons serviços ao seu país.

O sr. Visconde de Balsemão havia casado em 1865 com a sr.ª D. Henriqueta das Dores Telles da Silva, filha dos quartos Marquêses de Penalva, uma das casas mais nobres do velho Portugal.

Na casa Balsemão encontramos uma illustre dama da ordem de S. João de Jerusalem, D. Catarina Micaela de Sousa Cesar e Lencastre, primeira viscondessa daquele titulo, casada com Luis Pinto de Sousa Coutinho, que foi governador da capitania de Mato Grosso, no Brasil e embaixador de Portugal em Londres.

Esta senhora distinguia-se na corte da Grã-Bretanha, pela illustração que adquiriu naquella pátria, chegando a sua casa, em Londres, a ser um dos centros em que se reuniam os homens mais conhecidos nas artes, nas letras e nas sciencias. O mesmo aconteceu quando regressou com seu marido á casa de Lisboa, que foi frequentada pelos poetas e escritores do tempo. Muito amiga da marquês de Alorna, com ella cultivou as musas e por suas produções poeticas mereceu chamarem-lhe a Safo portugueza, tão belas e inspiradas poesias escreveu, algumas das quaes se encontram impressas na *Coleção de poesias ineditas dos melhores autores portuguezes*.

O falecido pertencia á mais antiga nobreza da nação, que assim vae desaparecendo, sendo sua morte muito sentida, pois o belo caracter do illustre extinto era crêdor do respeito e estima geral.

Frederico VIII da Dinamarca

Telegramas do dia 15 do corrente transmitiram a noticia de ter falecido, em Hamburgo, o rei da Dinamarca, Frederico VIII.

O rei Frederico encontrava-se de visita em Hamburgo, com a rainha sua esposa, Luiza da Suecia e Noruega, com a qual devia regressar a Copenhague, no dia seguinte, encontrando-se bem disposto para a jornada.

A morte foi repentina, após um curto passeio em que ia só a pouca distancia de casa. Meio moribundo foi transportado, em automovel, ao hospital, por não ter sido reconhecido, e ali faleceu.

Cristiano Frederico Guilherme Carlos, filho primogenito do rei Cristiano IX, nasceu a 3 de junho de 1843 e succedeu, no trono da Dinamarca, a seu pae, falecido em 29 de janeiro de 1906, adotando o nome de Frederico VIII.

Frederico VIII subiu ao trono contando 62 anos de idade e casara, em Stockolm a 28 de julho de 1869, com a princesa Luisa Josefina Eugenia, filha de Carlos XV da Suecia e Noruega, a qual nasceu em 31 de outubro de 1851.

O rei Frederico VIII era formado em direito pela universidade de Oxford e sua educação militar fizera desde os 17 anos, no serviço do exercito, onde ascendeu ao posto de general e inspetor geral do exercito. Em 1868 fez uma viagem de instrução pelos principaes paizes da Europa, como complemento da sua educação, para um dia succeder no trono da Dinamarca.

A melhor das educações, porém, que para tal fim recebeu, foi a de seu pae, modelo de reis constitucionaes.

Assim que, em Copenhague, foi sabida a morte de Frederico VIII, causando profunda impressão no povo, que estimava muito o seu monarcha, logo se dirigiu para a praça do palacio de Laubourg, uma enorme multidão, procurando informar-se da veracidade da infausta noticia.

Então o presidente do conselho, assomou a



S. M. FREDERICO VIII DA DINAMARCA

uma das janelas do palacio e disse ao povo: «Morreu o rei Frederico VIII! Viva o rei Cristiano XI!»

A multidão soltou hurras e, á mesma janela, appareceu o novo rei, de cabeça descoberta, fardado de general, o qual se dirigiu ao povo lembrando o luto que feria a Dinamarca pela morte do rei Frederico VIII, e quanto confiava encontrar nos dinamarqueses a mesma confiança que elles tinham tido em seu falecido pae. O povo respondeu ás palavras do seu novo rei, com prolongados hurras, ficando assim proclamado Cristiano X rei da Dinamarca, de que oportunamente nos occuparemos ao publicar-se o seu retrato, nesta revista.

Ao mesmo tempo que era proclamado o novo rei, era conduzido de Hamburgo, em comboio especial, para Cravemuenda, o cadaver de Frederico VIII, a que foram prestadas todas as honras de imponente cerimonia funebre.

PELOS TEATROS

Trindade

Mais uma nova producção do festejado autor da *Viuva Alegre* ouvimos habilmente executada pela orchestra da direcção do maestro Figueiras e pelos artistas da companhia deste teatro.

Eva se intitula. O entreccho muito interessante prende a atenção do espectador sem o fatigar.

Franz Lehar espalhou em toda a obra inumeras valsas de motivos delicados, das quaes se salienta uma do 2.º acto. Toda a música é inspiradissima, cheia de ritmos suavissimos e reproduzindo admiravelmente a acção da peça, dando-lhe um colorido e um rialce surpreendentes.

Não lhe falta o brinde e o champagne habitual neste género de operetas.

Está bem posta em scena como é de uso neste teatro e o desempenho é excelente.

Palmira Bastos, a consagrada actriz, dá ao seu papel de *Eva* todas as excellencias do seu talento inegalavel.

A gentil Auzenda com a sua figurinha graciosa e a sua arte discreta, dá um brilho extraordinário ao seu papel.

Leitão empregou todos os seus esforços para desempenhar correctamente o seu papel e conseguiu-o.

Conde e os demais de fórma a produzem um conjunto harmonioso.

A. N.

PUBLICAÇÕES

Circumstancias do eclipse anular total de 17 de abril. — Com este titulo recebemos um opusculo, do Observatorio Astronomico da Tapada, publicado pelo distincto astronomo Frederico Oom, onde fornece elementos precisos sobre o assunto, descrevendo com claresa tudo quanto se relaciona com o fenomeno, sob uma forma metódica, que se torna comprehensivel mesmo áqueles que não tenham noções algumas sobre a ciencia.

Quanto ao valor scientifico da obra, é indiscutivel, pois o nome do autor é sufficiente para garantir o seu merito.

Acha-se esta dividida nos seguintes capitulos: *Introdução*, onde se expõem os elementos indispensaveis para a entrada em materia.

Observações preliminares.

Observações de posição.

Observações visuaes.

Observações respectrosopicar.

Observações não astronomicas.

Previsões sobre o eclipse.

Circumstancias em Portugal.

Jardim Zoologico e de Aclimação em Portugal. *Relatorio da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, de 1912.* — Tip. Universal, etc.

Da leitura deste relatorio vê-se quanto vae relativamente prosperando esta sociedade que esteve quasi perdida, reconstituindo-se ha tempos a esta parte, por uma administração rigorosa. A sua coleção zoologica é composta actualmente de 265 mamiferos, 782 aves e 10 reptis, no total de 1:057 exemplares.

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está quasi esgotado e recebem-se encomendas para os poucos exemplares restantes, na Empresa do «Occidente» L. do Poço Novo — Lisboa.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medalhas d'Ouro em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua effiacia na debilidadade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescência de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forças. É muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200